

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

<https://archive.org/details/revistainternaci3761unse>

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :

CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON

NOV 15 2006

THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Perispírito ou Corpo Astral, segundo Geley	<i>Redação</i>
Autenticidade dos Evangelhos	<i>Carlos Imbassahy</i>
Origem Sensória da Crença na Sobrevivência do Homem	<i>Irmão Saulo</i>
Comunicado da Redação	<i>A Redação</i>
O Espiritismo é a Religião	<i>Noraldino de Mello Castro</i>
«A Psicanálise perante a Parapsicologia»	<i>Deolindo Amorim</i>
Hipnose e Espiritismo	<i>Osmard Andrade</i>
Espiritismo e Educação — Armas e métodos obsoletos	<i>Oswaldo Requião</i>
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>

Interpretação Sintética do Apocalipse

Esta obra de autoria do nosso saudoso companheiro, Cairbar Schutel, é um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— À venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr\$ 50,00.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, ve-

reis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis força, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 150,00.

Médiuns e Mediunidades

Este apreciado livrinho, que acaba de ser reeditado, em bem cuidada edição, é mais um recomendável trabalho de Cairbar Schutel, pois trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. É um trabalho sintético e bem cla-

ro, os seus ensinamentos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 40,00.

Atendemos pedidos sob Reembolso Postal

Espiritismo e Materialismo

Esta inspirada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel deve figurar na estante de todos os espíritas. A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. \$ 15,00.

O Espirito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinamentos de Jesus.

«O Espirito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinamentos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espirito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr. \$ 230,00.

O Batismo

E' mais um valioso trabalho de Cairbar Schutel, já em 3.ª edição, devido à sua grande aceitação.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. \$ 15,00.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita. E' mais uma valiosa contribuição de Cairbar Schutel para esclarecimento dos Fatos espíritas e as fôrças X...

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. \$ 15,00.

Atendemos pedidos

sob Reembolso Postal

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabiliza pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas : Rua Rui Barbosa, 1070

O Perispírito ou Corpo Astral, segundo Geley

Por Prospero Musso
De «La Conciência»

O Perispírito tem na Doutrina Espírita uma importância capital, constitui o princípio intermediário entre a matéria e o Espírito, o meio de união entre a Alma e o corpo, as condições necessárias para as relações entre o Moral e o físico.

É composto da quinta essência dos elementos combinados das relações anteriores. Evoluciona e progride com a Alma e tanto mais sutil é e tanto menos material, quanto mais elevado e perfeito é o indivíduo.

O Perispírito assegura a conservação da individualidade, fixa os progressos já conseguidos, sintetiza, numa palavra, o avanço do estado do ser. Serve de molécula, de molde orgânico para toda nova encarnação, condensando-se no embrião; agrupa em uma ordem dada, moléculas materiais e assegura o desenvolvimento normal do organismo. Sem o Perispírito, o resultado da fecundação não seria mais que um tumor informe.

O Dr. Gustavo Geley, diz: O Perispírito assegura também a sustentação do corpo e suas reparações em idêntica ordem durante a perpétua renovação das células. Sabe-se que o corpo se transforma por completo no espaço de alguns meses.

Sem a força misteriosa do Peris-

pírito a personalidade do ser variaria constantemente em cada uma destas mudanças.

O Perispírito não está estreitamente aprisionado ao corpo do encarnado; irradia mais ou menos fora dele, segundo sua pureza. Esta irradiação constitui o que se chama aura. Inclusive, pode às vezes, mesmo em pouca proporção, separar-se momentaneamente do encarnado ao qual só permanece ligado por ligeiro fluido.

Neste estado de desencarnação relativa, o ser pode tomar conhecimento de fatos ocorridos longe dele e demonstrar que possui faculdade anormal.

Se o Perispírito leva moléculas materiais consigo, em grande número, poderá agir a grande distância e também exercer certa influência sobre a vista ou os outros sentidos das pessoas que encontre em seu caminho; neste caso representa exatamente o que se chama em termo espírita, o duplo exato do seu corpo.

O Dr. Geley, diz: A Alma. Esta síntese compreende numerosos elementos que podem agrupar-se nas categorias:

- 1.º) elementos adquiridos em encarnações anteriores;
- 2.º) elementos adquiridos na encarnação atual.

No primeiro caso, são as recorda-

ções das personalidades passadas e o conhecimento de todos os fatos importantes das existências sucessivas.

Êsses elementos não estão na consciência normal; esquecidos na aparência, são conservados integralmente pelo Perispírito. A consciência total, isto é, o produto dos progressos realizados desde o comêço da evolução.

A *Âlma* : é a parte essencial da individualidade, a que constitue seu verdadeiro grau de avanço e aperfeiçoamento ; é o *eu real*, que a personalidade atual oculta mais ou menos. Tôda nova encarnação a dissimula momentaneamente, pelos elementos que leva consigo.

Da herança : A herança é dupla, física e psíquica.

A herança física é evidente e muito importante, visto que dela depende, em parte, o bom estado do instrumento orgânico (dos Pais). A herança

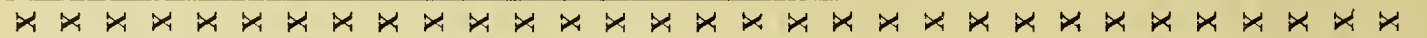
intelectual e moral, quase sempre ausente (em absoluto).

Pelo que precede, vê-se claramente que a consciência normal de um sêr encarnado não constitue tôda sua individualidade pensante. De acôrdo com as teorias da ciência, a doutrina espírita, admite que a síntese psíquica é muito mais extensa.

A Alma compreenderia uma parte consciente e outra inconsciente, ou melhor, subconsciente ; esta última é, sem duvida, a mais importante.

Com efeito, admitindo a teoria das existências múltiplas, a parte subconsciente da Alma compreenderia uma série infinita de recordações veladas momentaneamente, mas gravadas no Perispírito.

A parte subconsciente compreenderia : a consciência total, o *eu real*, produto de todos os progressos passados, e muito superior em todos os sêres avançados do que o seu *eu* aparente.



Autenticidade dos Evangelhos

CARLOS IMBASSAHY

— II —

Vejamos o que diz a Igreja, a respeito da origem dos Evangelhos :

«O testemunho mais antigo sôbre o primeiro evangelho é uma frase de Papias que nos conservou Eusébio na sua história eclesiástica : — Mateus ordenou os ditos (tã Logia) em dialeto hebraico e cada um os traduziu como era capaz.» Sto. Irineu completa esta notícia dizendo : — O Evangelho segundo Mateus foi escrito para os judeus. Enfim Orígenes pouco depois esclarece : — Como eu recebi da tradição... primeiro foi escrito o Evangelho segundo Mateus seu autor, anteriormente publicano, ao depois se tornou apóstolo de Jesus Cristo e escreveu na língua hebraica para os judeus convertidos.»

E é só o que nos diz a fonte mais interessada ou uma das mais interessadas na demonstração do Evangelho. O testemunho mais antigo é uma frase de Papias transmitida por Eusébio. E refere-se ao Evangelho de Mateus, escrito em hebraico, de que se tem pouca notícia e de que não se conhece ne-

nhum texto, ou de que nenhum texto autêntico se conservou, até nós.

Quanto à data, ela provém ainda de Eusébio. E êle nos diz que Mateus escreveu o Evangelho para os hebreus quando se dispunha a ir também para outros povos.

Procuremas agora descobrir quando Mateus se dispunha a ir para outros povos, e cremos que não haverá nada menos seguro do que a data dêsse lendário Evangelho.

Êsses dados se encontram no «Novo Testamento», traduzido do texto original grego pelo P. Dr. Frei Mateus Hoepers, O. P. M., Professor de Escriitura no Teologado dos Franciscanos, em Petrópolis. A obra, de 1958, é editada pelas *Vozes Limitada*.

Como se vê, de acôrdo com a Editora, não podia ser mais limitada a voz no que se refere à autenticidade evangélica.

*

Diz a Grande Enciclopédia, coligi-

da por uma sociedade de sábios, sob a direção de Berthelot :

«O valor histórico do Evangélico é fraco. Os autores eram pouco familiares com a geografia da Palestina, devendo ter vivido na costa síria. Cafarnaum não foi determinada ou o foi mediocremente. Deviam ter sido compostos em grego, entre os anos 80 e 100. João é do 2.º século. Marcos é associado aos trabalhos de Paulo, Bernabé e Pedro.

Foram produzidos pela primeira vez anonimamente ; só depois de muitas edições é que lhes deram autores, dizendo-se a Boa Nova de Jesus. Atribuindo-os aos Apóstolos dava-se-lhes maior valor. E' um caso de pseudopigrafia.

Inventou-se um proto-Mateus, de côr judaizante, que se teria depois corrigido e transformado num Mateus de côr oposta. A Escola de Tuingue não resolveu o impasse. Inventaram-se os proto, deutero, tritos.

Seu verdadeiro caráter, seu valor histórico, sua provável origem nunca tiveram uma solução firme e satisfatória.

Cada qual se supunha capaz de fazer um Evangelho superior. As diferentes edições dos Evangelhos são o produto de verdadeiras escolas teológicas.

S. Marcos deveria possuir certos elementos ; quais seriam e procurar determiná-los é impossível.»

Enfim :

«*Les Évangiles canoniques sont des oeuvres anonymes, dont on ne peut déterminer la data et l'origine et aucune-ment designer les auteurs*».

«Os Evangelhos canônicos são obras anônimas, não se lhes podendo determinar a data e a origem, e de forma alguma os autores».

*

Declarava Sto. Agostinho que se não fôsse a autoridade da Igreja não cria nos Evangelhos—*Ego vero evangelio non crederem, nisi me catolicoe ecclesiae commoveret auctoritas*.

*

O Abbé Loisy, em *Quelques Réflexion*, págs. 250, assegura :

«Falseia-se inteiramente o caráter das mais antigas testemunhas, quanto à origem dos Evangelhos. É erro afirmar-se que êles são certos, tradi-

cionais, quando, pelo contrário, não passam de hipotéticos, vagos, legendários.

Verifica-se que, na ocasião, o que se procurava era opôr os Evangelhos da Igreja à inundação (*au débordement*) das heresias gnósticas, não havendo sôbre sua proveniência senão os mais indecisos informes».

*

Salomon Reinach, em sua célebre obra *Orpheus* (1921, págs. 315) inicia o Cap. VIII sôbre as origens do Cristianismo, declarando :

«Tôda a história em seu comêço está ornada de lendas ; a do Cristianismo não lhe faz excessão. Querem as Igrejas que as lendas do Cristianismo sejam história verdadeira ; isto seria o mais surpreendente dos milagres».

E mais adiante :

«Se houvesse fundamento na tradição, teríamos duas testemunhas de vista dos escritos de Jesus — Mateus e João, e dois amigos íntimos de Pedro e Paulo — Marcos e Lucas.

Declara, entretanto : — A tradição da Igreja não é sustentável. Nenhum Evangelho é obra de testemunha ocular. (*Aucun Évangile n'est l'oeuvre d'un témoin oculaire.*) Para que nos convençamos basta lê-los.»

Passa o autor a provar as suas asserções e nos mostra que, salvo Papias, nenhum escritor cristão do 2.º século refere-se aos Evangelhos. S. Justino fala das *Memórias dos Apóstolos*, mas o que cita nada tem do que se encontra nos canônicos.

E conclui :

«Não tendo João valor histórico e sendo Lucas obra de 3.ª mão, restam Marcos e Mateus ; mas o que nêles pode haver de sólido deriva de duas fontes perdidas, cuja autoridade ninguém nos pode garantir.

Os Evangelhos, abstração feita da autoridade da Igreja, são documentos inúteis para a vida real de Jesus. Não queremos dizer que Jesus não tenha existido, mas simplesmente que nada poderemos afirmar por falta de testemunhas que remontem sem contestação aos que o viram e ouviram.

Até aqui Reinach.

*

Em Julien Vinson (*Les Religions Actuelles*, 1888, p. 405), lemos :

«Segundo as últimas conclusões da crítica moderna, os três Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, chamados sinópticos por estarem geralmente de acôrdo, são compilações antigas, várias vêzes retocadas (*remaniées*). O mais antigo é o de Marcos, mas sob a forma primitiva não continha a narrativa da Paixão nem os pormenores da Ascensão. Mateus foi feito com o auxílio de Marcos e uma compilação em hebreu-aramaico dos sermões e palavras de Jesus, escrito sem dúvida após a morte do Mestre, por algum discípulo. Lucas utilizou os documentos precedentes e outras tradições orais e escritas. Quanto ao Evan-

gelho que tem o nome de João, foi composto muito tempo após a morte do filho de Zebedeu, em alguma escola oriental mística, mais ou menos contaminada de gnosticismo.»

*

Na língua inglêsa, onde é grande o respeito pelo Evangelho, nota-se a constante dúvida sôbre quem seriam seus autores e as datas em que foram escritos. Veja-se, por exemplo, T. R. Glover (*The Jesus History*) :

«Os Evangelhos não são própria-mente biografias; consistem em coleções de reminiscências, memórias e fragmentos que sobreviveram por muitos anos. Não são considerados documentos de 1.^a mão».

(A seguir)

Orígem Sensória da Crença

na Sobrevivência do Homem

Aparecimento dos fatos espíritas no horizonte tribal — Pesquisas de Freedom Long na Polinésia — O problema de antropomorfismo

Bozzano apoia-se especialmente nas pesquisas do antropólogo Andrew Lang e do etnólogo Max Freedom Long, realizadas entre as tribos da Polinésia, para mostrar a existência dos fenômenos espíritas no horizonte tribal. Serve-se também de outras fontes, não esquecendo os estudos de seu mestre Herbert Spencer. Andrew Lang é o autor da tese espírita da ordem mediúnica da religião, tese que lançou em seu livro «*The Making of Religion*». Bozzano espousa essa tese e procura esclarecê-la, confrontando-a com a tese spenceriana, na qual encontra, aliás, os germes da explicação espírita do problema.

A primeira afirmação de Bozzano é a da universidade da crença na sobrevivência. Vejamos como êle inicia o seu estudo: «Se consultamos as obras dos mais eminentes antropólogos e sociólogos, notamos que todos concordam em reconhecer que a crença na sobrevivência do espírito humano se mostra universal». Êsse fato é confirmado por varias citações textuais. A seguir, Bozzano analisa as explicações que lhe dão

os sociólogos e antropólogos, para concluir pela inoperância das mesmas. Sômente em Spencer encontra intuições seguras, que são mais tarde desenvolvidas por Lang. Êste realizou um trabalho de análise comparada dos fenômenos de mediunismo primitivo com as experiências metapsíquicas, concluindo pela realidade daqueles fenômenos, que constituem a base concreta da crença na sobrevivência.

O primeiro fato concreto a surgir no horizonte primitivo, no tocante a êsse problema, é o da existência de uma força misteriosa que impregna ou imanta objetos e coisas, podendo atuar sôbre criaturas humanas. Ê a força conhecida pelos nomes polinésicos de «mana» e «orenda». Considerada em geral como imaginária, essa força produz os mais estranhos fenômenos. Bozzano lembra a resposta de Marcel Habert a Goblet D'Alviella, sôbre a natureza imaginária dessa força. Dizia Habert: «Passa-me pela mente uma nuvem de dúvida. Mana e Orenda não seriam talvez concepções demasiado abstratas pa-

ra podermos considerá-las o princípio de que partiram os selvagens, para chegar aos espíritos?»

A dúvida de Habert é considerada por Bozzano «fundamental e psicologicamente» justa, uma vez que conhecemos a natureza concreta do pensamento primitivo, incapaz dos processos de abstração mental que caracterizam o homem civilizado. Mana ou Orenda não é uma força imaginária, mas uma força real, concreta, positiva, que se afirma através de ampla fenomenologia, verificada entre as tribos primitivas, nas mais diversas regiões do mundo. Essa força primitiva corresponde ao ectoplasma de Richet, a força ou substância mediúmica das experiências metapsíquicas, cuja ação foi estudada cientificamente por Crawford, professor de mecânica da Universidade Real de Belfast, na Irlanda. O método comparativo, seguido por Lang, oferece-nos aí o seu primeiro resultado. A imaginária força dos selvagens encontra similar nas pesquisas dos sábios europeus e americanos, empenhados nos estudos espíritas e metapsíquicos.

O etnólogo Max Freedom que era também mitólogo, realizou demoradas pesquisas entre as tribos da Polinesia e particularmente das ilhas do Havai, convivendo durante anos com os selvagens, para verificar a realidade e a natureza dessa força primitiva. Conclui que os kahunas, curandeiros polinesios, consideravam a existência de três formas de Mana, ou três frequências, três voltagens dessa força, à semelhança da corrente elétrica. A mais baixa voltagem correspondia à força emitida pelos corpos materiais, do cristal ao organismo humano; a voltagem média, a proveniente da mente humana; e a voltagem superior, a proveniente de uma espécie de centro espiritual da mente humana, permitindo ao homem prevê-lo futuro e realizar fenômenos físicos à distancia, bem como materialização e desmaterialização de objetos.

Outra curiosa conclusão de Freedom Long é a de que os kahunas consideravam essa força como susceptível de acumulação. Os curandeiros, que usavam de feitiçaria, podiam capturar espíritos inferiores que, a seu mando, faziam provisões de Mana para atuar em ocasiões oportunas. Bozzano mostra

que as conclusões do etnólogo correspondem às de Andrew Lang e aos relatos e observações de numerosos outros estudiosos do assunto, bem como de viajantes e missionários que conviveram com tribos diversas, em diferentes épocas e várias regiões do globo. Por outro lado, estabelece as relações entre essa força e o ectoplasma, o que também fizera Freedom Long. O segundo fato concreto de ordem espírita, do horizonte tribal, é o da existência dos próprios espíritos, também universalmente afirmada. Antropólogos e etnólogos costumam estabelecer arbitrariamente certa distância de tempo entre o aparecimento de um e outro fato. Bozzano, entretanto, rejeita essa tese, para sustentar a simultaneidade de ambos. Lembra que nenhuma pesquisa ou observação revelaram essa pretensa sucessão dos fatos, e assevera: «A verdade, pelo contrário, é que essas duas concepções aparecem sempre associadas.» Uma das provas está nas próprias conclusões de Freedom Long, onde vemos os espíritos operarem através mana, ou seja, servindo-se dessa força. A coexistência das duas concepções, a da força misteriosa e a dos espíritos, impõe-se também diante da multiplicidade dos fenômenos mediúnicos no meio primitivo, onde, como accentua Bozzano, a presença de «agentes espirituais» se impunha, de maneira positiva.

Vemos, assim, que as superstições dos selvagens, as suas práticas mágicas, não eram nem podiam ser de natureza abstrata, imaginária. Decorriam, como tudo na vida primitiva, de realidades positivas e de fatos concretos, conhecidos naturalmente dos selvagens, como sempre foram e são conhecidos dos homens civilizados, em tôdas as épocas e em tôdas as latitudes da terra. Sòmente nos momentos de grande refinamento intelectual, quando os homens constroem o seu mundo próprio, de abstrações mentais, e se encastelam nas suas tentativas de explicação racional das coisas, é que essas realidades passam a ser negadas, por uma reduzida elite. O materialismo é portanto uma espécie de flor de estufa, artificial, cultivada em compartimentos de vidro, que isolam a Mente da realidade complexa da natureza.

O aparecimento dêsses dois fatos espirituais no horizonte primitivo — a ação de uma força misteriosa e a ação de entidades espirituais—deve ser considerado, entretanto, juntamente com o problema do antropomorfismo. De uma posição positivista, como a que Bozzano assumia, antes de se tornar espírita, êsses dois fatos se explicariam pelo próprio antropomorfismo. De uma posição espírita, entretanto, tal explicação se

torna isuficiente. Porque o antropomorfismo é a característica psíquica do mundo primitivo, a maneira rudimentar de interpretação da natureza pelo homem. Reduzir todo o processo da vida primitiva a esse psiquismo nascente, limitá-lo apenas à mente embrionária de criaturas semi-animais, é um simplismo que o Espiritismo rejeita.

Irmão Saulo

Comunicado da Redação

— II —

De acôrdo com o comunicado anterior, esta Redação, que em principio veta as publicações do dr. Osmard Andrade Faria, pelos motivos ali já expostos, aguardava os pareceres dos srs. Carlos Imbassahy e V. O. Casella, aos quais se acha ligado o assunto.

Favoráveis que foram para publicá-las, esta Redação, considerando as razões expostas pelos dois pareceres, assim como também ao respeito à livre opinião de colaboradores aqui efetivados, autoriza que se publique nesta Revista os referidos trabalhos. Contudo, para que os leitores pudessem seguir mais de perto os debates, as vêzes complexos, seria bem que saíssem simultâneos réplica e tréplica. Entretanto, ficou na conclusão final dos últimos momentos, estabelecido que, para cada publicação do dr. Ornard, os revides dos dois colaboradores da Revista sairão em seguida no próximo exemplar, pelo que deverão aguardar os leitores.

E aqui encerramos êste comunicado, com alguns breves informes da illustre personagem que aqui vem, na nossa própria Revista, defender os postulados materialistas. Apesar desta divergência,

mesmo assim ainda considera-se honrosa sua presença.

— O dr. Osmard ocupa o honroso posto de Capitão-tenente médico do Corpo de Saúde da nossa valorosa Marinha. Ultimamente, do Rio onde se achava sediado, foi transferido para o Estado de Santa Catarina, ocupando ali o alto cargo de vice diretor do Hospital Naval de Florianópolis.

Fora da sua vida militar foi jornalista, nas imprensas falada e escrita, durante 15 anos. Em literaturas, além de trabalhos avulsos relacionando medicina e hipnose, elaborou os dois livros «Manual de Hipnose Médica e Odontológica» e «Hipnose e Letargia», que deram causa à presente polêmica.

Nessa breve nota os leitores, dêste mensário, já poderão avaliar as qualidades intellectivas do illustre personagem, iniciando-se hoje seu primeiro trabalho em outra parte desta Revista, cuja opposição, como já é de conhecimento geral, estará sob a responsabilidade dos srs. Carlos Imbassahy e V. O. Casella.

A REDAÇÃO

Representante autorizado desta Revista na Capital

VICENTE S. NETTO

— Livraria Espírita «EMMANUEL» —

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º andar — Sala 2 e 3

Caixa Postal 4921 — SÃO PAULO — Das 8 às 19,30 hs.

O Espiritismo é a Religião

II

O que é Filosofia

7 — Para compreender-se a ordem de raciocínios que desenvolveremos, tenhamos em mente certas definições básicas.

FILOSOFIA, no sentido etmológico, significa amizade à sabedoria. No sentido geral, é a «ciência da natureza e do destino de todos os seres.» (15). Para ilustrado patricio com real espírito de síntese, «metafísica ou filosofia propriamente dita é a ciência da natureza e do destino de todos os seres, ou mais exatamente, é o estudo da nossa natureza e do nosso destino e da natureza dos seres que se relacionam conosco.» (16).

Para ARISTÓTELES, o criador da Ética e da Lógica, é a «ciência do ser enquanto ser, ou dos princípios e das causas do ser e dos seus atributos essenciais. (17). E explicava o estagirita que ela, «nascida do espanto, abarca os sentidos e domina o universo.»

Para outro escritor, é «certa técnica de conjecturas do conhecimento, que estabelece o esquema do Mundo e da Vida, com o quadro de suas relações e funções.» (18).

«RAZÃO é a faculdade de descobrir e aplicar os axiomas.»

«AXIOMA é a lei geral da existência — lei que determina a existência dos seres, contrária à qual nenhum ser pode existir.» (19).

Elucidando melhor, vejamos a seguinte definição existente no «Livro dos Espíritos» :

«A prova de Deus se encontra num AXIOMA : não há causa sem efeito. Procurai a causa de tudo que não é obra do homem e vossa RAZÃO responderá : um olhar sobre as obras da criação mostra Deus. Negá-Lo é negar o efeito.» (20).

O Problema de Deus

ALLAN KARDEC, com o senso que lhe era peculiar, colocou no pórtico de «O Livro dos Espíritos» o problema de Deus, dizendo-O «eterno, infinito,

imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente bom e justo.» (21).

Êstes atributos não são invenção espírita. Com ligeiras variações encontram-se nas religiões antigas e modernas, no estudo que se fizer do «Manavadharma» (Manu), dos Vedas, de Buda, do Zend-Avesta (Zoroastro), dos Livros Herméticos, dos Kings (China), de Fo-Hi, de Lao-Tsen, de Confúcius, do Pentateuco, do Livro de Job, dos Evangelhos (Jesus)—seremos conduzidos à existência de um Deus-único, todo-Poderoso.» (22). Outro autor afirma que «nos livros antigos da China, nos KINGS, transcritos do Imperador KANG-K, compilado por DU HALDE, da Edição de Amsterdam, (pág. 4) lê-se que «Deus não teve começo e nem terá fim. Êle é quem governa como verdadeiro Senhor, Êle é infinitamente BOM, infinitamente JUSTO; Êle ilumina, sustenta e regula tudo com suprema autoridade e SOBERRANA JUSTIÇA.» (23)

A noção de Deus justo é remotíssima :

«La idea de una deidad INJUSTA es, no sólo para el cristiano piadoso, sino también para el grego piadoso, una CONTRADICTIO IN ADJETO». (24)

8 — Igualmente, a idéia monoteísta não é exclusividade das grandes religiões e de renomados filósofos.

«A noção de um Deus único, no entanto, espalha-se por toda a parte... Entre os NEGRILLOS, como entre BANTÚS, a idéia de um Deus SUPREMO tem um recorte fundo e um nome claro. Os observadores afirmam que o nome de Deus jamais foi blasfemado na África.» (25) Mas, é sabido que se Lhe atribuem «características humanas.» Haja vista que «o primeiro comentário crítico filosófico dos DEUSES é de XENÓFANES. Êle afirmou : «Os homens deram aos deuses a sua imagem ; assim os etíopes dizem dos deuses que êles são negros e de nariz achatado, os trácios, que êles têm olhos azuis e cabelos verme-

lhos. Se os leões tivessem mãos e pudessem, com as mãos, pintar e produzir obras como os homens, os leões pintariam figuras de deuses semelhantes a leões, e assim os bois e os outros animais.» (26).

9 — E' preciso, todavia, que o espírito humano, criado, evolucione e se aperfeiçoe. «Criar um ser que se aperfeiçoa por si mesmo vale muito mais do que criar um ser já perfeito, e, portanto, sem mérito.» (27) Para isso, sem dúvida, com a evolução do pensamento, desvestiremos Deus de forma antropomórfica e das variadas formas filosóficas e atingiremos a noção espírita de DEUS-PAI:

«— Pai, estou cansado de viver contigo...»

«— Não faz mal, (reflete o velho). Deixemos o rapaz quebrar a cabeça; que a sede de aventura o leve dêste lar tranquilo. Ele vai aprender da experiência o que não quis aprender de meus conselhos. Vai comer o fruto da árvore proibida; adquirir à própria custa, nos risos e nas lágrimas, a ciência do bem e do mal.

«— O bom filho à casa torna (reflete o Pai prudente). E ele é bom, porque é meu filho. Quando... órfão de amor, olhar em redor e se ver sózinho, tenho certeza de que se lembrará de mim na sua voluntária humilhação e, arrependido do que fez, melhorado pela experiência, voltará a mim muito mais perfeito do que partiu. Meu amor de Pai aconselha-me, por conseguinte, a deixar que ele se precipite no abismo da desobediência, que sofra uma por uma as consequências de seus desvios e anseie pelo lar paterno no atascadeiro em que submergiu. Dest'arte, êste meu pobre filho transviado regressará sedento de trabalho, de ordem e de paz, MUITO MAIS FILHO MEU DO QUE NUNCA.» (28)

Êste é o Deus que anelamos reencontrar, fazendo Justiça, espalhando AMOR, AMPARANDO E SOCORRENDO, MAS ATRAVÉS DA LÁGRIMA E DO SORRISO DA CRIATURA EM ASCENÇÃO ESPIRITUAL.

O Problema da Alma

10 — Outro problema crucial e central para as religiões é o problema da alma.

«As palavras alma e espírito derivam-se de vocábulos, que, em grego e latim, significam vento, corrente de ar, e daí, o sopro, sopro divino, — alma, espírito.» «O anima significa também princípio vital.» (29)

Na antiguidade, (babilônios, egípcios, gregos, etc.) a alma era considerada substância aeriforme, sopro que, no sono, deixava provisoriamente o corpo e, na morte, largava-o para sempre.

Como se vê, êsse entendimento é, na atualidade, a teoria espírita, sem a invocação da dos hebreus.

Para ANAXÍMENES, a alma era o ar; HERÁCLITO, exalação quente; DIÓGENES, o ar-pensante ou o ar-inteligente; DEMÓCRITO e LEUCIPO —era constituído de átomos; ANAXÁGORAS, era o NOUS, que não se mistura com coisa alguma, que se movia por si mesmo; PLATÃO —era o princípio de vida, que se dividia em alma *racional*, no cérebro, alma *corajosa*, no peito, alma *apetitiva*, no ventre; ARISTÓTELES, igualmente, dividiu-a em alma *nutritiva*, (vegetais), *motora* e *sensitiva*, (vegetais) e alma *pensante*, no homem, para quem, segundo GOMPERZ, afim de entender o estagirita, «alma é a soma das propriedades que caracterizam os seres orgânicos.» Os epicuristas e os estóicos nada inovaram, mas segundo PLÓTINO e SANTO AGOSTINHO, êste elemento proeminente na Escolástica, a alma se caracteriza pela *substancialidade* (essência divina) e *materialidade* ou *espiritualidade* e a imortalidade da alma.

Na Idade Média, ALBERTO, o GRANDE e SANTO THOMAZ conciliaram ARISTÓTELES com o CRISTIANISMO. Daí, BERTRAND RUSSEL dizer que a teologia católica é grega (estrangeira também). (30)

As três almas de ARISTÓTELES, a divina, a que morre com o corpo e a intermediária, o THYMOS — e a pensante — serão para SANTO THOMAZ apenas uma, em três diferentes estados de formação: *vegetativa* (ou embrião), que se transforma em *vegetativa* e *sensitiva*, que vem a se transformar na intelectual: «a alma que se fez homem.»

Há ainda outras concepções: LEIBNITZ, agregado de mônadas, oriundo do próprio Deus; DESCARTES — substância pensante, MALEBRANCHE — «há, por intermédio de Deus, ação da alma

sobre o corpo e do corpo sobre a alma.»

Esta última concepção é, não há negar, a teoria espírita. Donde, se deduzir que o corpo, a matéria não peca. Peca a alma. Mas, há influência do corpo sobre ela? Sim, na manifestação dos instintos.

KANT não solucionou a questão. Mas, para os pragmatistas, com WILLIAM JAMES, aceitável é a teoria espírita, com a sua intercomunicação com os homens.

O Espiritismo, no entretanto, oferece solução racional, lógica, clara, evidente.

ALLAN KARDEC (no intróito do Livro dos Espíritos) define e conceitua os vocábulos *espírita*, *espíritualista*, *espírita* e *espíritista*, *espíritismo*.

À falta de termos próprios dividiu a alma em três categorias: a *alma vital*, comum aos seres orgânicos; a *alma intelectual*, pertencente aos animais e ao homem e a *alma espírita*, pertencente somente ao homem e que lhe sobrevive ao corpo, conservando a individualidade plena, que continua a amar, aprender, evolucionar, na perene reconquista da felicidade perdida, alcançada com o retorno ao lar paterno.

A alma não é, portanto, propriedade da matéria, de que independe. (31)

Há dois elementos gerais do universo — *matéria* e *espírito*. Mais no alto, coloca-se Deus. É a trindade universal. «*Alma* ou *espírito* é o princípio inteligente do universo.» (32). A inteligência é atributo e não sinônimo. Entre a matéria e o espírito, — alma e corpo, «tem que se juntar o fluído universal, intermediário entre aquêle e êste.» (33)

Noraldino de Mello Castro

(Continua)

15 — LÍDIO MACHADO BANDEIRA DE MELLO, — «O Problema do Mal», pág. 1.

16 — LÍDIO MACHADO BANDEIRA DE MELLO, — «A Procura de Deus», pág. 120.

17 — apud Pe. CASTRO NERY — «A evolução do pensamento antigo», pág. 123.

18 — ORRIS SOARES — «Dicionário de Filosofia», pág. XIV.

19 — LÍDIO MACHADO BANDEIRA DE MELLO — «Prova Matemática da Existência de Deus», pág. 1.

20 — KARDEC, — «Livro dos Espíritos», n.º 4.

21 — KARDEC, — «Livro dos Espíritos», n.º 13.

22 — LETERRE, «O Anti-Cristo Senhor do Mundo».

23 — LETERRE, «O Anti-Cristo Senhor do Mundo».

24 — HANS Kelsen, «Sociedad y Naturaleza», pág. 289.

25 — Pe. CASTRO NERY — obra citada, pág. 20.

26 — ORRIS SOARES — obra citada, pág. 331.

27 — LÍDIO MACHADO BANDEIRA DE MELLO — «A procura de Deus», pág. 32.

28 — LÍDIO MACHADO BANDEIRA DE MELLO — «A Procura de Deus», pág. 120.

29 — ORRIS SOARES — obra citada, pág. 42.

30 — BERTRAND RUSSEL — «História da Filosofia Ocidental», pág. 22.

31 — KARDEC, — «Livro dos Espíritos», n.º 25.

32 — KARDEC, — «Livro dos Espíritos», n.º 23.

33 — KARDEC, — «Livro dos Espíritos», — Vide Capítulo Espírito e Matéria.



O perdão de Deus é a lógica resultante do arrependimento e da regeneração espiritual, para os maiores criminosos, seguidos da justa reparação.

Só um profundo arrependimento das leis divinas violadas, inscritas em nossas consciências, pode evitar as torturas do remorso e os tormentos da expiação, que flagelam as almas pecadoras e obstinadas no Mal.

A Psicanálise perante a Parapsicologia

(A propósito do recente livro de Carlos Imbassahy)

— III —

O livro de Carlos Imbassahy, como já vimos, abrange a Psicanálise e a Parapsicologia. São dois campos de observação em que o Espiritismo pode projetar muita luz, especialmente quanto às conseqüências de certos fenômenos. A Psicanálise, inegavelmente, teve o seu momento e, por isso mesmo, não deixa de ser um esforço científico de grande repercussão, sobretudo porque se utilizou do método experimental para estudar o psiquismo, pretendendo, com isto, sondar as angústias da alma humana, no que, aliás, quis avançar demais. Se é certo que pecou pela generalização, dando margem a que se formassem verdadeiros dogmas dentro da Ciência, como bem acentua o livro de Imbassahy, a verdade é que contribuiu muito para que o velho problema do *inconsciente* provocasse discussões mais objetivas. Se, realmente, exagerou a influência do fator sexual, que é um dos pontos fortes de sua teoria, também não se pode dizer, de um modo radical, que Freud não tenha razão, até certo ponto, no caso, por exemplo, dos indivíduos que ainda estão quase inteiramente dominados pela matéria. É natural que nesses indivíduos, ainda muito pouco espiritualizados, a vida puramente instintiva seja predominante, porque há mais animalidade do que reflexão, mais impulso do que discernimento, mais volúpia do que noção de equilíbrio. E não existem, sobre a Terra, tantas e tantas personificações desta categoria humana? A própria doutrina espírita prevê, durante a aprendizagem, através das reencarnações, os casos em que determinados tipos chegam a revelar, em suas reações, a mais crassa brutalidade. O aspecto mórbido, de fundo sexual, é uma de suas manifestações degenerativas. É preciso frisar, entretanto, que a propensão para a animalidade é uma decorrência do atraso espiritual. Foi o que a escola freudiana, infelizmente, não viu ou não pôde ver. Fazendo *tábula rasa* do elemento espiritual, como se êste não exis-

tisse ou não tivesse a mínima significação, entendeu Freud que poderia dar uma extensão cada vez maior a suas conclusões até chegar, como chegou, à hipertrofia do fator biológico. Daí, as conseqüências desnorteantes a que foram levadas algumas de suas assertivas capitais. É Carlos Imbassahy quem nê-lo mostra, e com tôda a clareza, em *A Psicanálise perante a Parapsicologia*, livro de absoluta atualidade no meio espírita.

Convém lembrar que o problema do *inconsciente*, muito antes do próprio Freud, já vinha sendo objeto de especulações filosóficas. Evidentemente, e é necessário dizê-lo, a bem da verdade histórica, foi a partir de Freud que mais se intensificou o interêsse científico por essa «profunda esfera do psiquismo». O problema, entretanto, já existia. Vem de Leibniz, entre outros, a preocupação com as percepções que escapam à memória normal. Já Bergson, o filósofo que exaltou, sobretudo, o valor da intuição, previa a necessidade da exploração do inconsciente, no início de nosso século, a fim de que se pudesse — dizia êle — *Trabalhar no sub-solo do espírito com métodos especialmente apropriados*. Desta ou daquela maneira, bem antes dos processos de Freud, já havia inquirições a respeito do inconsciente. Freud teve, portanto, diversos precursores, tanto mais quanto a Psicanálise, como todos os outros campos de investigação científica, conheceu também a sua fase de pioneirismo. Segundo Jean Filloux, os estudos do inconsciente passaram, até agora, por três etapas históricas, o que permite adotar, em linhas gerais, a seguinte classificação: *etapa metafísica, etapa hipnótica, etapa freudiana*. Vejamos, pois, seguindo as pegadas de Filloux, como se desenvolveu o pensamento científico neste terreno. Não é uma divisão rigorosa, mas apenas didática.

1.^a — *ETAPA METAFÍSICA* —
Época em que alguns filósofos, sem

uma terminologia adequada, especulando vagamente, tentaram explicar o inconsciente por meio de noções então em voga: o *absoluto*, a *idéia*, a *vontade*, e assim por diante. Com o nome de *absoluto* ou *idéia*, por exemplo, denominava-se uma força oculta, que operava no inconsciente e não era percebida. Filiada a essa orientação teórica, surgiu em 1869 a *Filosofia do Inconsciente*, de Hartman, psicólogo alemão, dando ao inconsciente um papel a bem dizer ilimitado. O inconsciente era tudo, afinal. Foi o que se chamou o *panpsiquismo* de Hartman, assim como a doutrina de Freud iria ser chamada de *pansexualismo* pela crítica divergente. Tudo, porém, no plano abstrato, nada de positivismo. Vê-se, pois, que a noção de inconsciente começou pela Filosofia e, mais tarde, passou a ser objeto de investigação científica.

2.^a — ETAPA HIPNÓTICA —

Fins do séc. XIX e comêço do séc. XX, quando uma equipe de psiquiatras e psicólogos se decidiu a estudar fenômenos de hipnotismo, «dupla vista», telepatia e etc., provocando reações do inconsciente. Nessa etapa, sem qualquer preocupação filosófica, o que prevaleceu foi o ponto de vista médico, voltado para a terapêutica hipnótica. Foi a época da escola de Nancy e da Salpêtrière, na França, com o grupo de Charcot, Bernheim, Janet e outros especialistas. Deu-se, aí, um impulso científico apreciável, apesar de algumas interpretações confusas em relação, por exemplo, à mediunidade, escrita automática etc. Freud pertenceu a esse grupo durante algum tempo, tendo-se afastado para tomar direção própria.

3.^a — ETAPA FREUDIANA —

É a Psicanálise propriamente dita, na primeira década de nosso século. Daí por diante, o *inconsciente* passa a ser um campo de experiências psicanalíticas, abrindo mais um ciclo histórico, com o sistema de Freud. (1)

(1) — Sigmund FREUD. Nascido na Morávia no dia 6 de maio de 1856, desencarnado em 23 de setembro de 1939.

Como bem assinala Filloux (2), *A ciência do inconsciente, em solidariedade com o desenvolvimento da psicologia geral, ainda nos deve levar a belos resultados. É necessário esperar.* Quanto mais o homem se conhecer a si mesmo — diz o Autor — uma vez tendo penetrado no mais profundo subterrâneo da sua alma, talvez fique mais apto para se orientar entre os caminhos que se cruzam através de seu destino. Se, a despeito de tantas contribuições novas, as tentativas de sondagens do *inconsciente* são bem antigas, a própria Psicanálise não é tão nova como se pode pensar. O nome, sim, é de criação moderna, as técnicas também são novas, em relação às idéias anteriores, mas o sentido de penetração na alma humana vem de muito longe, já passou por outros cérebros. E não há, por exemplo, um vislumbre da introspecção na velha recomendação, atribuída a Sócrates: *Conhece-te a ti mesmo?* Não é, porventura uma insinuação para que o homem se recolha um pouco e procure descer aos chamados «subterrâneos profundos» de sua alma? O filósofo grego bem poderia ser considerado precursor da introspecção em Psicologia.

Lembra, por exemplo, o Prof. Ar-

Foi para a Áustria aos quatro anos de idade. Como médico, preocupado com as doenças nervosas, aliou-se a Charcot, nos fins do século passado, a fim de estudar o hipnotismo para fins terapêuticos. Vinculou-se, em 1889, à equipe de Lebault, na escola de Nancy, mas terminou dando outros rumos aos seus trabalhos, já agora com base na Psicanálise. Deixou, como é notório, considerável bagagem de obras científicas. A escola de Viena teve, inegavelmente, muita influência, não apenas na Psicologia, mas na Medicina, na Criminologia, nas Ciências Sociais etc. FREUD recebeu o mais alto prêmio literário da Alemanha, isto é, o Prêmio Goethe. No entanto, por ser de origem judaica, foi obrigado a emigrar, devido às perseguições aos judeus, tendo-se se fixado, por fim, na Inglaterra, que o acolheu por ocasião da última guerra mundial.

(2) — J. C. FILLoux — *L'Inconscient* (Presses Universitaires de France) 1950.

tur Ramos, antropólogo brasileiro, que a concepção de *Id*, *Ego* e *Super-Ego*, da Psicanálise, — já encontra analogias entre os antigos gregos e latinos: *A doutrina dos sete princípios do homem é uma doutrina universal entre os antigos (os egípcios, os cabalistas medievais etc.) As três almas e a distinção entre o consciente e o inconsciente vamos também encontrar entre gregos e latinos, onde a psicanálise estabelece analogias com a divisão do Id, do Ego e do Super-Ego.* (3) A idéia não é, portanto, original, mas os termos técnicos e a sistematização, indiscutivelmente, são de Freud. E' ainda mais curioso verificar que, no período da *Renascença*, um homem de grande saber para o seu tempo, e que se chamou Francisco Sanches, uma das maiores cerebrações de Portugal quinhentista, já pensava em termos de Psicanálise, com antecedência de quase quatro séculos. Francisco Sanches era médico português, um revolucionário em medicina, uma cultura muito acima de sua época e de seu meio. Um desses espíritos que reencarnam, sem dúvida, com a missão de rasgar novos horizontes à inteligência humana...

Baseado em pesquisas, feitas em Portugal, pelo escritor Diamantino Martins, o Professor Evaristo de Moraes Filho, jurista e escritor brasileiro, mostra que já existiam, na obra de Francisco Sanches, apesar de tão recuada no tempo, *afirmações precursoras de Freud*. Já naquele tempo, quando o mundo acabava de sair da Idade Média, Francisco Sanches apontava nos sonhos — como diz o Prof. Evaristo de Moraes Filho — *a realização de certos impulsos ou desejos não realizados em estado de vigília, além de lhe atribuir outras causas físicas, provenientes do próprio organismo e do ambiente onde se encontra a pessoa.* (4) Sanches previu também a medicina psicossomática. Era, como se vê, um homem cuja

clarividência científica ia muito além das fronteiras de tempo e de espaço. Referindo-se a este ponto, na obra de Sanches, comenta, ainda, o Prof. Evaristo de Moraes Filho, no trabalho já citado: *Muitos são os trechos de Sanches neste sentido, em «De longitudine e brevitate vitae», que o colocam, sem exagêro nem falsos entusiasmos, como precursor da moderna medicina psicossomática, que enxerga no indivíduo um todo inteiriço, psicofísico, em que a vida corpórea e a vida mental funcionam como partes inseparáveis de um mesmo todo; daí, muitas vezes males de índole fisiológica, cujas origens residem num distúrbio da personalidade (emoção, angústia, ansiedade, paixão, dúvidas etc.).* (O uso do latim, especialmente nos trabalhos científicos, era corrente na época; daí, os títulos latinos na obra de Sanches. Havia, até, o luxo de teses escritas em latim (!) quando os doutores medievais faziam provas de sapiência nas velhas Universidades...) O que se vê, aí, é que as cogitações de Sanches, quanto aos impulsos e desejos não realizados, correspondem exatamente à moderna Psicanálise, quando fala em recalques e frustrações. Do mesmo modo, a sua concepção médica, muito avançada para a época em que se projetou, vem ao encontro da medicina *psicossomática*, que é, certamente, a corrente médica que mais se aproxima do Espiritismo, no dizer do Dr. Túllio Chaves, porque se apoia nas relações entre o físico e o psíquico. (5)

(5) — *Parece-nos muito justo acrescentar que o Dr. Túllio Saboya Chaves, médico brasileiro (homeopata), formado na Suíça, é, atualmente, um dos ardentes propulsores da medicina psicossomática no Brasil e já tem obras publicadas neste sentido. É Professor catedrático da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (antiga Escola Hanemaniana), como também faz parte do Corpo de Professores do Instituto de Cultura Espirita do Brasil, onde vem dando a sua colaboração, desinteressadamente, para servir à causa da cultura. Era materialista e, hoje, é espírita. Foi durante uma de suas aulas no Instituto que fez a afirmação de que a medicina psicossomática é a doutrina médica que mais se aproxima do Espiritismo.*

(3) — Artur RAMOS — Introdução à Psicologia Social, 2.^a ed. Rio de Janeiro.

(4) — Evaristo de MORAIS FILHO — Francisco Sanches e a Renascença Portuguesa — Edição do Ministério da Educação, Rio de Janeiro, 1953.

Se Freud, realmente, não foi o criador de tudo o que existe na Psicanálise, porquanto já havia um lastro de idéias a respeito de certos aspectos do psiquismo, como dos sonhos etc., e Eugène Nus chegou a dizer que a *filosofia do inconsciente nos conduz naturalmente à grande metafísica indu, da qual é filha degenerada* (6), também é verdade que a escola de Viena deu novos rumos à experimentação, elaborou uma sistematização, que ainda não existia, e atraiu discípulos dos mais ilustres no mundo científico. Isto não impede, é claro, que a Psicanálise tenha pontos vulneráveis, e dos mais evidentes, notadamente quando pretende dogmatizar sobre fenômenos mediúnicos ou dar solução a problemas que escapam às previsões de seus esquemas. É o que vem demonstrar, em boa hora, o livro de Carlos Imbassahy, cujas réplicas aos discípulos de Freud têm, além de tudo, a grande vantagem de pôr em foco, mais uma vez, a consistência das teses espíritas. Até parece que alguns partidários incondicionais de Freud querem ser mais realistas de que o mestre e, por isso, investem contra o Espiritismo. Leia-se, por exemplo, êste trecho, do livro de Imbassahy: *Os estudiosos da doutrina de Freud, com raríssimas exceções, afirmam que os espíritas se deixam levar pela mistificação dos médiuns, entretanto que se pudessem compreender a Psicanálise, iriam achar no subconsciente a suposta manifestação dos Espíritos.* (págs. 58/59). Freud, sem dúvida, tinha um ideal, mas não o realizou satisfatoriamente, porque a Psicanálise não conseguiu chegar aonde pretendia o seu sistematizador. Se, de fato, pretendeu desvendar certos aspectos do psiquismo, não pôde, nem poderia, pelos seus processos, penetrar em tôda a intimidade da alma humana. Havia, nêle, porém, o lado compreensível da fé na vitória de suas idéias. Veja-se, a propósito, o que disse o próprio Freud, já na velhice, em carta dirigida ao escritor brasileiro Medeiros e Albuquerque, em 1921. (É de supôr-se que tenha sido Medeiros de Albuquerque o único intelectual brasileiro que se correspondeu diretamente com

o fundador da Psicanálise). Entre outras coisas, dizia Freud, na carta que escreveu a Medeiros: *«É uma idéia agradável e confortadora, pensar que as palavras que a gente atira pelo mundo afora, se, às vêzes, são mal compreendidas e depreciadas pelos que nos cercam, despertam um interêsse simpático em pessoas que estão separadas de nós por terras e mares, por diferenças de raça e de língua. Isso nos eleva acima das restrições mesquinhas e pessoais e nos faz sentir o poder do pensamento e de tôdas as coisas que servem para unir os homens. Sinto-me feliz quando recebo uma carta como a sua. Embora não tenha perdido a esperança, nem ficado cheio de despeito, enquanto vivi isolado, agora que estou velho (66 anos), tenho ainda o prazer de ver em países estrangeiros se interessarem pelas minhas pesquisas.»*

A carta de Freud (7) revelá a fé, que êle tinha, nas teses que sustentava.

Convém notar, entretanto, que, muito antes do advento da Psicanálise, já o Espiritismo se preocupava com uma série de fenômenos inerentes à regressão da memória, às «alterações da personalidade», reminiscências etc. Enquanto, porém, o Espiritismo procurou ampliar a visão dêsses fenômenos, interpretando-os à luz de outros critérios, baseados na supremacia da alma e na reencarnação, sem o que a idéia do inconsciente ficaria no ar, a Psicanálise quis reduzi-los a categorias puramente fisiológicas, dando predominância aos instintos.

Se, portanto, a Psicanálise não inovou, a não ser quanto aos processos, também a Parapsicologia, que está indo muito mais longe, ainda não trouxe, até agora, uma contribuição capaz de ultrapassar a extensão do Espiritismo. Quem lê, cuidadosamente, *A Psicanálise perante a Parapsicologia*, sente que a dou-

(6) Eugène NUS A la Recherche des Dentinées.

(7) — Segundo uma crônica publicada no Correio da Manhã de 8 de março de 61 (secção de Literatura), a carta de Freud a Medeiros e Albuquerque saiu em primeira mão no «Mundo Literário» de junho 1922, «com algumas impropriedades de tradução», corrigidas no trecho acima, divulgado naquela edição do Correio.

trina espírita está firmada sobre bases muito sólidas e, por isso mesmo, nem a Psicanálise, nem a Parapsicologia, nem quaisquer outras escolas poderiam deslocá-la do terreno em que se acha, apesar de tôdas as nomenclaturas específicas. O livro de Carlos Imbassahy levanta questões que ainda não haviam sido debatidas em nosso meio. É justo reconhecer, com tôda a honestidade, que a Parapsicologia está realizando um trabalho muito proveitoso, no campo universitário. Foi, entretanto, depois de 1930, que o Prof. Rhine, nos Estados Unidos, marcou a etapa inicial desses estudos, apesar da reação negativa de não poucos cientistas. Não se pense que foi fácil vencer a prevenção acadêmica con-

tra o debate franco sobre os fenômenos chamados paranormais ou *extra-sensoriais*. Rhine foi precedido de uma equipe de pioneiros, com Mac Dougall à frente (8), mas encontrou muita objeção, no próprio ambiente universitário. O que é preciso, agora, é ver até onde já foi a Parapsicologia e verificar, em confronto, em que ela pode oferecer elementos para confirmar teses básicas do Espiritismo. Deixemos este ponto para a conclusão, no próximo artigo.

Deolindo Amorim

(8) J. B. RHINE — A brief introduction to Parapsychology (Duque University, U. S. A.)

Hipnose e Espiritismo

Osmard
Andrade

Em números passados desta Revista publicou o Sr. V. O. Casella, contra conceitos por mim emitidos num livro de divulgação científica, críticas que julguei mal apoiadas. Devo agora ao alto e esclarecido espírito jornalístico do Sr. A. Watson Campêlo a oportunidade de defender-me pelas páginas da mesma publicação. Não poderia deixar passar sem reparo a nobreza dessa atitude. Como jornalista que também sou, sei como é difícil encontrar, num opositor, gestos de tal lhanza e cavalheirismo. Que fique o registro. E sobretudo, que não se esqueça tal exemplo!

I — Em cena o sr. Casella

Jamais pensei que um dia viesse a escrever sobre espiritismo numa revista divulgadora de assuntos ligados ao espiritismo. Porque não sou espírita. Nem mesmo católico. E mais: perfilho a opinião de Mark Twain para quem «assuntos de religião eu não discuto; isso importaria em falar no céu e no inferno, e eu tenho amigos nos dois lugares». Se o espiritismo, como doutrina filosófica é uma ciência — assim muitos o querem —, creio não poder desligar da doutrina espírita o seu lado religioso, já que importa, pela base, na aceitação de uma enti-

dade suprema e divina. — Eis-me, porém, aqui!

E devo essa oportunidade ao Sr. V. O. Casella a quem — impossível seria negá-lo — me sinto agradecido.

Escrevi em 1958 um livro de divulgação científica sobre a hipnose, livro destinado exclusivamente aos médicos e dentistas. Em linguagem médica. Não o escrevi para os espíritas. Nem para os padres. Nem para os budistas. Ali me limitei a estudar o fenômeno hipnótico à luz dos mais recentes conhecimentos fisiológicos ligados ao funcionamento do sistema nervoso superior, explicando — ou pelo menos tentando encontrar uma explicação — para o mecanismo da inibição hipnótica, já que tudo aquilo que se divulgava sobre a mesma estava eivado de noções empíricas, abstratas e destituídas de qualquer fundamento fisiológico.

Um dos capítulos do citado livro (Manual de Hipnose Médica e Odontológica) faz referência ao espiritismo. Não ao espiritismo-doutrina; não ao espiritismo-filosofia; não ao espiritismo-crença; não ao espiritismo-conduta. Mas à natureza mesma do fenômeno espírita. E está lá, para quem quiser ler, a ressalva que, de início, fizemos a êsse respeito: — «Não entraremos aqui — muito longe de nós tal intenção — no mérito religioso da

prática da invocação dos chamados *espíritos*, senão apenas cuidaremos de examinar a realidade do considerado fenômeno mediúnico à luz dos conhecimentos hipnóticos». E mais adiante reiterávamos: — «Não vá nessas palavras qualquer acusação à lealdade e à sinceridade dos manifestantes. Absolutamente. Somos daqueles que **ACREDITAM FIRME-MENTE NA REALIDADE CONCRETA DO FENÔMENO DA POSSESSÃO**. Com a mesma firmeza de convicção com que aceitamos o fenômeno hipnótico. Já que um e outro são a mesma coisa».

Este era o ponto básico da tese que nos propúnhamos a defender. A de que o fenômeno espírita existe realmente. A interpretação é que é outra.

Vai daí, aparece em cena o sr. Casella!

Consegue um exemplar do meu livro. Interessa-se pelo assunto. Nota-lhe, no índice, um capítulo sobre espiritismo, doutrina que, está-se a ver, o entusiasmo é fascina. Devora o capítulo. E — ai de mim! — engasga-se com uma de minhas frases: — «Ali (nos centros espíritas) se trabalha sem método, desordenadamente; ali se trabalha com indivíduos que na sua maioria pertencem **AO TIPO DÉBIL, DESIQUILIBRADO, INSTÁVEL**, com predominância histérica ou neurótica».

Consulta rápida e febrilmente, o Sr. Casella, o «Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa». E lá está, implacável em sua muda expressão semântica, o seguinte: — «*Desequilibrado*: — que, ou que não está em equilíbrio; OU o que perdeu o equilíbrio **MENTAL**».

A palavra «mental» provoca-lhe uma justa e incontida revolta. A tal ponto que lhe escurece a vista para a conjunção «ou» que aparece pouco antes. *Desequilibra-se*, em sua serenidade, o Sr. Casella. E escreve uma série de artigos para a «Revista Internacional do Espiritismo» acusando-me de ter chamado aos espíritas... de débeis mentais.

E quando — esclarecido por mim que foi — vê-se pilhado em seu ingênuo engano, defende-se voltando a insistir na mesma tecla quando informa: — «... o termo desequilibrado, quando desacompanhado de qualquer especificação, por si só deixa subentendido que se refere a

desequilíbrio mental». Porque, Sr. Casella?

E mais adiante: — «O termo desequilibrado não é uma propriedade exclusiva sobre (sic) reflexologia, assim como também não os são (sic) os outros dois ao seu lado — débil e instável — possuindo todos êles outros sentidos no quadro clínico da Psiquiatria».

E não satisfeito: — «Assim, logicamente, o leitor **DEMASIADO ATENTO** no sentido geral do tema poderá, na passagem daquele tópico, ser colhido de **SURPÊSA**, desapercibendo-se do verdadeiro significado do termo, cuja confusão, quando acontece, inclina-se para o lado do que muito se escreveu naquele capítulo sobre Espiritismo e **ALIENAÇÃO**, e não pela forma indicada na sua defesa.»

Vejam a insistência do Sr. Casella em ligar minhas palavras a mental, psiquiatria, alienação, etc. E percebam ainda que o sr. Casella não foi um leitor *demasiado atento*, pois se o fôsse, teria, lendo o livro desde o princípio, apreendido o verdadeiro significado do termo desequilibrado em reflexologia, evitando assim de ser colhido de surpresa.

Pretendia o meu ilustre opositor que, a cada vez que eu incluísse a palavra «desequilibrado», fizesse-a acompanhar de uma *especificação*. Já imaginaram os que me acompanham agora, o que aconteceria a um autor qualquer que fôsse obrigado, quando escrevesse **UM LIVRO DE MEDICINA**, a incluir após cada termo técnico, entre parênteses, a sua tradução? Que lhes parece a lógica do Sr. Casella?

Depois disso o Sr. Casella alinha uma série não pequena de testemunhos de valor que afirmam, com a força da autoridade que seus nomes lhes emprestam, que os espíritas não são débeis mentais. Como se eu algum dia houvesse dito isso. E receioso de que a pequenez de um só artigo não bastasse para profligar a minha ousadia, estende-se por mais três outros números da revista, já aí analisando-me cruelmente, inclusive naqueles tópicos que escrevi não diretamente ligados ao Espiritismo. E entrando em assuntos outros, de extrema complexidade para nós ambos — creio que mais para ele que para mim —, como a relação de inversão da causalidade (que, se discutida profundamente acabará por

nos arrastar para os perigosos caminhos da relatividade einsteniana e dos mundos da energia-matéria e da não-matéria), os fundamentos da teoria atômica de Rutherford, já, praticamente, posta de lado há tanto tempo (sabia disso Sr. Casella?) e que nos obrigará a discutir problemas de fissão nuclear, que desmentem quase tudo o que o Sr. Casella sabe e discute sobre átomos. E outras coisas que tal. E é pena que eu não tenha tempo, nem esta revista, espaço, para que eu possa discutir com o Sr. Casella, tão interessantes e transcendentais aspectos dos problemas ligados à físico-química e à psicofísica.

Ainda no seu primeiro artigo, dá-me o ilustre escritor uma lição sobre modalidades de espiritismo doutrinário, conforme aprendeu em Kardec e Charles Richet, e pelas quais ficamos sabendo— aqui, eu mais que êle — que há dois tipos principais dêle, um praticado desordenadamente, o dito das práticas mediúnicas livres, e outro doutrinariamente — estudado até por sábios — e no qual as práticas médiúnicas também são admitidas, porém, racionalmente. Não entendi muito bem a distinção. Ou não foi a exposição muito clara ou a dúvida se deve à minha natural ignorância no assunto. Assunto, diga-se, que jamais me interessou. O que discuto, Sr. Casella, não é a doutrina espírita e sim a natureza fenomênica da incorporação espírita. Que o Sr. acredite em espíritos, Sr. Casella, acho isso muito natural. Nenhum demérito, aliás. Não há tanta gente da mais alta categoria intelectual que acredita em Deus? E nos arcanos de astrologia? E nas linhas da mão? E nas predições da pitonisa? Eu mesmo, Sr. Casella, acredito ainda em Papai Noel. Pois para mim, *até o obstrato é concreto*. Desde que materialize através o pensamento. Como radiação eletromagnética que é. *Comprovadamente*, Sr. Casella, já que o Sr. alega que eu não me refiro a provas. Há provas fundamentais que o pensamento é radiação material. Aquilo no que o Sr. pensa, existe, não apenas enquanto é pensamento, mas daí em diante. Concretiza-se. Materializa-se. E se a revelação de tais fatos lhe perturba o raciocínio, esteja tranquilo que voltarei ao assunto mais adiante. Por enquanto, apenas, não pense que seja matéria tão sómente aquilo que é visto ou tocado. As ondas

radiofônicas de natureza eletromagnética, também são matéria. O Raio X é matéria e lhe atravessa o corpo sem que o Sr. o sinta ou veja. Uma coisa concreta atravessando por dentro de outra coisa concreta. Acredita nisso, Sr. Casella? Vejo que agora o meu nobre opositor se sente mais confortado por acreditar em espíritos e já não me condena tanto por confessar minha crença em Papai Noel. E em Sacy-Pererê. E até no Barão de Munckausen. Mas voltaremos ao assunto.

Discutindo, ainda no primeiro artigo, embora ao de leve, acontecimentos da órbita parapsicológica (e isso nada tem a ver com espiritismo, magia, almas e quaisquer outras extrematerialidades), inclusive com citação de trabalhos de J. B. Rhine, invoca o Sr. Casella o problema das «mensagens» recebidas por pessoas cujo grau de cultura não lhes permitiu apreender notícias em outras línguas. E aduz que quando o teor de tais mensagens ultrapassa os conhecimentos do paciente, o bom senso indica que a causa está fora do seu grau mental de intelectividade. E pergunta como se pode compreender, pela hipnose, que um indivíduo possa originar conhecimentos da sua mente, os quais ali não teriam penetrado pelos métodos da aprendizagem? Poderia êle oferecer mensagens em idiomas que lhe seriam estranhos, contrariando assim os postulados da psicologia?, continua perguntando o Sr. Casella. Para logo depois estranhar quando eu me desdigo ao afirmar que uma pessoa só pode ser hipnotizada na própria língua que fala.

Em primeiro lugar, caro amigo, o problema a que o Sr. se refere — o de recebimento de «mensagens» — não é um fenômeno tipicamente hipnótico. Na verdade nada tem a ver com hipnose, embora possa ser obtido através a hipnose. É diferente. Em sequência, nada disso fere os postulados da psicologia, pois não é psicologia. É parapsicologia. É «*extra-sensorial perception*». É diferente. E por fim, que tem a ver tudo isso com a linguagem usada na indução hipnótica? É muito diferente.

Tão diferente que o assunto não se exgota aqui. Como os leitores desta revista, que o leram mas não a mim, por intermédio do meu livro, não se podem situar verdadeiramente dentro do proble-

ma que o Sr. Casella provocou com seus artigos, se desconhecem aquilo que realmente eu disse e escrevi, voltarei, graças à gentileza do Sr. Watson Campêlo — cuja gratidão reitero — nos próximos números desta publicação, em linguagem acessível ao grande público, sem termos que permitam dubiedade de interpretação ao Sr. Casella. E conversaremos então sobre assuntos ligados às possessões demonológicas, a algumas noções sobre o que sejam reflexos condicionados, sobre o que se entende por tipos nervosos desequilibrados, instáveis e débeis (com perdão da má palavra, Sr. Casella!), sobre o que é hipnose, sobre como a hipnose se aplica à explicação da fenomenologia espírita, e finalmente sobre algumas das principais e desconhecidas funções cerebrais, principalmente, a telepatia, o recebimento de «mensagens», parapsicologia, etc. Tudo isso, evidentemente, em resumo. Sem qualquer intenção de mudar-lhes a convicção doutrinária, filosófica ou religiosa. Mas apenas

para deixar clara, diante dos leitores da «Revista Internacional do Espiritismo» a minha verdadeira posição, tão mal compreendida pelo Sr. Casella, a quem agora, solicito, respeitosamente, que deixe o procênio.

A seguir: «Santos e Demônios»

Nota da REDAÇÃO: — O artigo acima do dr. Osmard, como outros que se seguem, são completamente contrários à nossa orientação doutrinária. Como se trata, porém, de réplica a artigos publicados nesta Revista, e não só por questão de honestidade literária, como respeito à liberdade de consciência e dos direitos alheios, damos publicidade aos referidos artigos, de acôrdo com o que esclarece, nosso «Comunicado da Redação», em outra parte desta Revista.

Fazemos esta declaração para que os leitores não estranhem, nas nossas colunas, a inserção de artigos não espiritualistas.



Espiritismo e Educação

Armas e métodos obsoletos



Oswaldo Requião



— Quem não fizer a 1.^a Comunhão até o dia 16 . . . vai para o inferno!

Este foi um dos eloqüentes portamentos da aula de ensino religioso ministrado, há poucos dias, por um zeloso missionário às crianças de uma das nossas escolas públicas. Quer dizer: estamos ainda em plena Idade Média. Tinham, ou não, sobradas razões os signatários daquele veemente ofício mandado ao Senado Federal pelo Clube dos Jornalistas Espíritas do Estado de São Paulo, advertindo que a adoção do Projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional significaria fazer regressar a educação brasileira à época em que Galileu fôra compelido a abjurar, de joelho, diante do fantasma da Escolástica?

Com efeito, que esperar ainda de uma organização que prossegue valen-

do-se, numa era de trepidante liberdade da mente, das armas do terror e da intimidação, em suas campanhas de proselitismo exclusivista e particularizante? Que esperar ainda dos que usam de uma linguagem superada, de uma didática sediciosa, de uma metodologia de «salvados-de-incêndio», e na mesma época em que um apóstolo da estatura de um PIETRO UBALDI se faz intérprete do Alto e diz: «Eu quero que o equilíbrio, violado pela vossa maldade, se restabeleça por meio do Amor, e não por meio do castigo.» (Mensagem do Perdão, 1931)?...

Pode parecer incrível, mas aconteceu...

Mais uma vez, convenço-me de estar absolutamente certo em não querer que tal tipo de ensino religioso seja ministrado a meus filhos; seria crime con-

sentir que lhes envenenassem as almas com essa ricínica beberagem, quando eles podem sorver o doce e puro vinho da Verdade que flui diretamente do genuíno odre do Evangelho do Cristo, o suave néctar da *Parábola do Filho Pródigo*, o generoso falerno do *Sermão da Montanha*, palavra eterna dada ao mundo e a tôdas as criaturas, e não apenas a um «ghetto» religioso particular.

Como seria possível que Jesus nos tivesse vindo libertar do monopólio abusivo do mosaísmo, para nos escravizar, novamente, ao jugo de outra impiedosa escravidão? Afinal, de que nos teria vindo redimir, se a mente pode ser assim manipulada por tão farisaicos intérpretes?

Esta luta «à outrance» contra o contróle estatal do ensino, esta anacrônica ânsia de monopólio, esta insaciável sede de predomínio — vem de longe, vem de priscas eras, de um tempo em que as mentes e as vontades se amoldavam sob o diapasão do capricho sectarista daquela *ditadura do espírito* de que a Renascença nos libertou, e perdeu, de há muito, sua razão de ser, se é que teve alguma, e faz força por resuscitar, nos nossos dias. Em vão, porém. Os tempos mudaram. Tudo mudou. Loucura será tentar o restabelecimento do sinistro reinado da fórmula «perinde ac cadaver», que transformou a religião num grotesco e sombrio espetáculo de «marionettes».

Os objetivos e intuitos dos que se aforçaram por controlar o ensino religioso nas escolas, como trampolim para outras ascendências e incursões, não são segrêdos para ninguém. Nem os interessados imediatos fazem disso segrêdo. Basta ler-se a encíclica «*Educação cristã da Mocidade*», de Pio XI (1928). Segundo ela, a educação cabe à Igreja. O Estado é um indébito intrrometido, e precisa de ser alijado. A educação lhe cabe, a ela, é-lhe da inarredável e incondicional competência, «em razão de um duplo título na ordem sobrenatural, conferido exclusivamente a ela POR DEUS EM PESSOA; absolutamente superior, portanto, a qualquer outro título na ordem natural» (in PAUL BLANSHARD: *Liberdade Americana e Poderio Católico* — União Cultural Editôra Ltda, São Paulo, 1954, pág. 80)...

Embora pouca gente, neste libér-

rimo século de plena liberdade de crença e de opinião, se deixe ainda impressionar por essa «conversa mole» e, mesmo, poucos, entre os próprios católicos, dêem «bola» para tão inverossível pretensão — a verdade, reconheço-o lealmente, é que ela faz massa em certas mentalidades ingênuas e tem, realmente, ajudado a Igreja a fingir que não perde, dia a dia, terreno, e muito mais agora quando o Comunismo se constituiu a sua dor-de-cabeça n.º 1. E tudo resultado lógico e indisfarçável de seu permanente divórcio com o progresso e ruinoso menosprêso aos imperativos e realidades da História, que obedece ao telefinalismo divino; e êste ignora as manobras e meneios dos que julgam poder fazer a História, mas são, ao contrário, envolvidos nos seus transcendentais e imponderáveis vórtices...

Ninguém, nenhuma força, daqui ou de Cima, a convencerá — tal a sua obstinada confiança naquela miragem do «*duplo título, conferido por Deus em pessoa*» — de que não lhe é ainda possível restabelecer seu rançoso absolutismo da Idade Média, quando corouva e depunha os reis, e cujos frutos são tão nossos conhecidos. Mas, nem mesmo na Espanha ou no Eire, onde, servilmente ajudada pelo poder temporal, mantém uma Inquisição-Mirim, será isso exequível. Podíamos, de barato, deixá-la de mãos sôltas, não fôra o irremediável prejuízo que envolvesse alguns inocentes. Nada conseguiria. Seus magros triunfos são apenas temporários, pois a maré montante das conquistas humanas dêste século significa algo que não seria prudente ignorar. PAPINI, em luminoso e interjuncional passo de suas *Cartas do Papa Celestino VI aos Homens*, p. 67-68, disse o bastante para ouvidos experientes...

— *Quem não fizer a 1.ª Comunhão até o dia 16... vai para o Inferno!*

Que armas! que métodos! que esquemas de proselitismo!

A entidade que se pavoneia de seus *dezenove séculos* de existência só tem para oferecer à mocidade do século da eletrônica e da teoria da relatividade êsse esmarrido e azêdo fruto?... Esqueceu-se, não há dúvida, de que o veículo do progresso é agora propellido a jato, e não arrastado, como outrora,

pelas tardas juntas-de-boi do escolasticismo...

Com o profeta da era do espírito, com PIETRO UBALDI, arrematamos:

«A fase do terror está superada. A obediência à Lei não se pode mais conseguir por seu intermédio, próprio apenas do involuído e irracional. Aquê

que desperta no espírito, como será o iminente novo tipo biológico humano, SÓ SABE OBEDECER POR CONVICÇÃO E COMPREENSÃO», (*Deus e o Universo*, pág. 260).

Feira de Santana, Bahia, junho de 1961

Crônica Estrangeira

A PROPÓSITO DA DESCOBERTA DE UM CONCERTO DE SCHUMANN

De «Reformador» — Suzanne Bruneau

Os grandes diários parisienses, alguns anos antes da última guerra, relataram o seguinte fato: a descoberta de um concerto de Schumann, que estava perdido, e que, no entanto, foi miraculosamente encontrado graças a uma comunicação espírita.

Quase que nessa mesma época testemunhei com uma amiga de pensão, a Sra. V., um fato semelhante, em Flers-de-l'Orne. É que acabara ela de perder seu pai e desejava então oferecer à sua genitora, no dia de seu aniversário, o retrato ampliado que um amador tirara do desaparecido, havia bem pouco tempo, quando se encontrava seu pai junto a um grupo de amigos. Era a única fotografia recente, mas, como encontrá-la? Minha amiga revirou caixas e gavetas, procurando-a em vão.

Sugeri, certa noite, recorrêssemos à prancheta. O Sr. V., muito céptico no tocante a êsse assunto, sem cerimônia alguma zombou de nós. Sua hilaridade redobrou quando a prancheta ditou estas palavras: «No sótão.» — «Que belo gracejo!», obtemperou êle. A prancheta volta a dizer: «Sim, no sótão, no álbum», e por três vezes repetiu a mesma frase. Logo se iniciou uma discussão. O Sr. V, fêz ver ser isso uma coisa impossível, pois que êsse álbum, sendo seu, álbum de quando era ainda jovem, não podia nêle ser encontrada a fotografia. Tive a intuição de que a indicação era exata, pelo que convidei a todos irmos ao sótão. O álbum empoeirado foi reti-

rado da caixa em que dormia desde muitos anos, e então começámos a folheá-lo. O Sr. V. exultava, mas repentinamente sua fisionomia mudou... da última página retirava eu a foto e o fiz com ares de triunfo. Quem a depositara lá? Mistério. Em face dessa prova tão evidente da intervenção supra-terrena, o Sr. V., não obstante seu cepticismo e ser um espírito forte, irredutível, empalideceu de emoção, sem que pudesse articular uma só palavra, e, depois dessa noite memorável, suas idéias mudaram completamente.

Poderia citar ainda numerosos fatos, mas o que se segue é o mais probante. Quero dizer apenas o que me levou ao Espiritismo.

Contava vinte anos e acabara de perder uma irmã de dezesseis, Madalena, de quem eu gostava muito. Alguns meses antes de sua partida, conversávamos sôbre o depois da morte. Jamais ouvira falar de Espiritismo, mas estava persuadida de que a vida continuava além do túmulo. Fiz então a promessa de dar-lhe uma prova de minha sobrevivência, caso viesse a morrer primeiro, prova essa que consistia em dar três pancadas, por exemplo. Madalena fez-me idêntica promessa.

Em Outubro de 1914 morreu essa minha irmã. Encontrava-me, nesse momento, em um pequeno país, substituindo um professor que fôra mobilizado. Retornei a casa quinze dias após o decesso dela. «*E' estranho*—disse-me outra de minhas irmãs —, há vários noites escuto pancadas na parede.» Precisamente nesse instante em que ela pronunciava tais palavras, três pancadas de sonoridade especial, argentina, se fizeram ouvir muito nitidamente. Não

havia dúvida, Madalena cumprira sua promessa.

De volta ao meu posto, li em velha ilustração o relato de uma peça de Victorien Sardou: *Espiritismo*. Procurei adquiri-la, mas sua edição estava esgotada e não fora reeditada. Indaguei onde poderia encontrar obras espíritas; deram-me o endereço de certa livraria em Paris. Encomendei as obras fundamentais de Allan Kardec, e, logo, ao lê-las, senti que a Verdade estava com elas e não alhures. Experimentei uma felicidade indizível; tentada há muitos anos pelo mistério da morte, parecia-me agora que reencontrava um bem perdido, que um véu fôra levantado, que estas crenças espíritas me eram familiares, e adquiri assim a certeza do Além luminoso, a coragem necessária para continuar no caminho terrestre, tão árido por vêzes.

(Traduzido de «*La Revue Spirite*»,
Julho-Agosto de 1958.)



A CANETA QUE ESCREVE...

De «*Estudos Psíquicos*»

O *Século* de 17 de novembro inseriu o seguinte telegrama da *France Presse*:

«Londres, 16—O semanário «*Sunday Pictorial*» conta hoje um curioso caso de espiritismo. A sr.^a Grace Rosher, pintora londrina bastante conhecida, escreve perguntas ao noivo Gordon Burdick, canadiano, falecido pouco depois da segunda guerra mundial. Escritas as perguntas, a caneta escreve sozinho as respostas, bastando que a sr.^a Rosher acompanhe a caneta com a mão, a pouca distância. O namoro da sr.^a Rosher durou quase trinta anos e o noivo morreu uma semana antes do casamento. O «*Sunday Pictorial*» publica uma reportagem a êste respeito com fotografias impressionantes da caneta a escrever sem ninguém a segurá-la. A sr.^a Rosher afirma que nunca se dedicou ao Espiritismo.»

Êste comunicado saiu na primeira página do diário português circundado a filete vermelho, prova do alto conceito em que foi tido pela redação.

A imprensa moderna vai-se habituando à fenomenologia espírita, não obstante a teimosia de muitos que lhe querem barrar o caminho. Melhor fôra, porém, aceitar os fatos, do que desvirtuá-los ou fazer em tôrno dêles a conspiração do silêncio. Que a verdade ninguém a pode adulterar eternamente, sobretudo quando o seu conhecimento é necessário à evolução humana. No entanto há sempre indivíduos ou classes que tentam impedir o brilho de uma idéia, mesmo que dela emane benefício moral ou social. São os bem instalados na vida, aferrados a tradições que o progresso vai desvanecendo em holocausto à justiça que se deve a todos.

Com o Espiritismo dá-se um caso bem curioso. Quanto mais o combatem, mais cresce e se avigora nos que sofrem por êle, que o mesmo é dizer, que trabalham para o bem do próximo.

O *Século* foi sempre infenso à propaganda espírita. Não perdia um só momento de achincalhar e de zombar de coisas sérias e demasiado transcendentes para a mentalidade dos seus, aliás, cultos articulistas. Hoje parece que mudou. Novos tempos, novos costumes. Mas não há incoerência nessa atitude. Há bom senso.

Felicitemos o grande jornal português e fazemos votos para que haja ecletismo verdadeiro em suas páginas, como houve, de fato, em tempos que já lá vão.



UMA VOZ DO ALÉM

Todos aquêles que tem estado à cabeceira dum moribundo, e ouviram suas últimas palavras, nos afirmam que o homem, muitas vêzes, em seus últimos momentos, no pórtico do Além, tem uma percepção nítida de sua futura existência, uma impressão da realidade desta, e, em muitos casos, êle faz uma incursão nesse Além, antes de deixar definitivamente sua vida terrestre.

Eis um testemunho do médico Dr. F. A. Kraft.

Durante meus trinta anos de exercício de medicina-cirúrgica eu vi morrer centenas de pessoas em casas particulares e hospitais, pessoas de tô-

das as condições e pude observar seus derradeiros momentos.

Eu estou autorizado a dizer que, no mínimo uma quarta parte dos moribundos mostravam uma expressão exaltada, e na maioria, pessoas pacíficas e sóbrias, abriam os olhos e lábios para comunicar às pessoas presentes suas sensações espirituaíistas.

Eu tomei nota de muitas dessas comunicações, seguidamente repetidas. Eis aqui algumas :

Oh ! é esplêndido. E' Belo ! Cara mãe, estás aqui. Como eu me sinto bem. Porque não me vieste buscar mais cedo ? Como isto é agradável, eu não sofro mais.

Como sois belos. Que lindas flores ! Então não estaveis mortos ?

Um soldado da grande guerra morreu em 1920, no hospital. Dez minutos antes de exalar o último suspiro, exclamou :

«Como, Henrique e Carlos, vós estais aqui ! Entretanto nós fomos prêsos juntos e vós pareceis tão belos e fortes ! — Eu, eu estou doente há mais de dois anos. — Oh ! sim, ficai aqui. — E você, Emma, também você está aqui ? Não se afaste, eu vou imediatamente. — Como isto é belo, e claro ! »

Em quase todos os casos, os moribundos reveem membros de suas famílias e amigos que as precederam, e que interrogados, dizem seus nomes.

Eis aqui um caso que me deixou profunda impressão, que observei num hospital de São Luiz.

«Um veterano da guerra civil americana, livre pensador endurecido, sem a menor propensão religiosa, estendido sôbre seu leito, esperava a sua última hora. Seu irmão morreu de velhice, quatro mêse antes, no leito vizinho.

Numa quarta-feira, o doente teve uma agitação inesperada e reclamou minha presença. Quando eu entrei às 10 horas, êle ergueu a mão e me fez sinal, chamando-me para perto dêle. Sua feição, habitualmente inquieta, ir-

radiava felicidade : êle tornou-se comunicativo e eis o que me contou :

«Esta madrugada, às 3 horas, eu despertei, estava imóvel, deitado, de olhos bem abertos. Repentinamente notei uma pessoa, a princípio perto do meu leito. Eu não tinha dor alguma, ao contrário, parecia-me estar em repouso benéfico. Logo me foi permitido examinar melhor essa aparição e, de súbito, reconheci nela o meu irmão James. Êle tinha tôda aparência de vida. Êle se inclinou para mim e invadiu-me indescritível impressão de bem-estar. Ao mesmo tempo, eu vi desfilar na minha memória, os mil detalhes da minha existência com meu irmão, que era meu único amigo. Êle abriu a bôca e distintamente eu ouvi sua voz como outrôra : «Maxwell, disse-me êle, domingo pela manhã às 11 horas, teus sofrimentos terão fim. Eu estou vivo e tu viverás junto de mim, num novo estado de felicidade. Sê feliz e sem receio.» Depois êle desapareceu e devo dizer : eu me senti realmente feliz. Estou certo que tudo isso não é alucinação, nem efeito de remédio, porque há 15 dias não tomo remédio.

Vós sabeis, doutor, como eu era incrédulo e endurecido, mas estou certo que êsse será o meu último domingo. Sinto que é chegado o meu fim aquí em baixo ; estou preparado para partir ; aquí a vida foi para mim uma longa miséria. Peço-vos, doutor, tende a bondade de vir aquí, domingo, para perto de mim, apreciarei vossa presença ao morrer.»

— No domingo eu estava ao lado de seu leito. Êle estava lúcido e a expressão de seu rosto era amável, feliz. Sua voz era bem fraca, mas ainda compreensível.

Quasi às 11 horas, êle levantou a mão direita, apontando para seu lado esquerdo e murmurou com voz inteligível : Meu caro irmão, James, como êle é bom !

Onze horas : como tinha predito, exatamente nêsse momento sua alma deixou o corpo para entrar no Além.

NOSSO REPRESENTANTE NO RIO DE JANEIRO

Antonio Pereira Guedes - Rua Haddock Lobo, 419-A - Casa 37 - Térreo - Telefone 48-1612

Espiritismo no Brasil

Roteiro Espírita de Duque de Caxias

De grande intensidade foi o mês de maio findo para os espíritas de Duque de Caxias.

No dia 7, a Associação Esp. Cairbar Schutel realizou com muito êxito nova função teatral, desta feita com o grupo do Teatro Popular Fluminense. O auditório do SESI ficou lotado para aplaudir a prata da casa com a comédia «Saúde» de Paulo Magalhães. Hoje, sabe-se que somente os espíritas têm capacidade para lotar um teatro em Caxias.

No dia 14, o C. E. Thiago Apóstolo festejou com muita alegria, o «Dia das Mães». Casa cheia, para recitais, cânticos e manifestações de fraternidade. Êxito absoluto do ativo seareiro da Doutrina que é Antanas Alexandravicius.

Na mesma semana, as «Damas do Bem», ativo grupo da Cruzada Esp. Discipulos de Allan Kardec, levou à sua sede, grande público para festejar seu 4.º aniversário de fundação. Levou, também, para falar, a d.ª Zaira Weingartner, notável oradora de Nova Iguaçu.

Por sua vez, C. E. Caminheiros de Jesus,, patrocinando a conferência do mês (que tôdas as entidades filiadas à União dos Espíritas têm o dever da realizar) proporcionou a grande número de espíritas

no dia 20, a bela oração do confrade João Batista Martins.

O dia 25, consagrado ao 5.º aniversário da Casa de Cairbar, na mais importante cidade fluminense, contou com a presença do jornalista Antônio Pereira Guedes. Conhecido e festejado por todos os espíritas duquecaxienses, Pereira Guedes mais uma vez arrancou vibrantes aplausos ao comentar, com o brilho que lhe é peculiar, o tema «Deus e o Infinito».

O acontecimento revestiu-se de nova significação, eis que a entidade estava comemorando pela vez primeira o seu aniversário em sua sede própria.

Acompanhou o orador o jornalista Olívio Novais, do «Jornal do Comércio», do Rio, que falou na ocasião e voltará a Caxias neste mês de junho para uma palestra patrocinada pela Assoc. Esp. Cairbar Schutel na sede da União dos Espíritas.

No curso das festividades acima, foram lembrados os aniversários de casamento do Presidente da Associação, sr. Ademar Duarte Constant, que se fazia acompanhar de sua esposa d.ª Maria Francisca Leite Constant, e o do artista Edgard de Souza, do Teatro Popular Fluminense.

Finalmente, dia 28, com a presença do General Amaury Pereira, — (orador oficial) — da Liga Espírita da Guanabara e das senhoras Ilva Tavares e Zaira Weingartner, além de

numerosas caravanas de entidades espíritas, realizou-se a posse da nova diretoria do C. E. Thiago Apóstolo, que, na data, também festejou o seu 29.º aniversário de fundação. Cerca de 500 pessoas compareceram, notando-se a presença do poeta José Brasil e do jovem orador Luiz Carlos. O sr. Antanas Alexandravicius entregou ao sr. Ademar Constant a direção da solenidade, que teve por abertura a prece, seguida de cânticos, recitativos e finalmente a posse dos novos eleitos. Eis a nova diretoria:

Antanas Alexandravicius, pres.; Sylvio Américo Trinca, vice; Zilda Pereira da Silva, 1.ª secr.; Diva Henrique Siqueira, 2.ª secr.; Onézio de Souza Henrique, 1.º tes.; José dos Santos, Mello, 2.º tes.; Conceição Santos, bibl.; Adelino Rodrigues Chagas, proc. Apenas os dois últimos são novos nos cargos. Os demais, reeleitos, sendo que o Presidente, desde 1953.

O C. E. Thiago Apóstolo oferece, gratuitamente, cursos de datilografia, corte e costura, música e de alfabetização (primário), além de assistência médica.

Ademar Duarte Constant

Duque de Caxias — RJ
1.º de Junho de 1961.

Mocidade Espírita de S. José do Rio Preto

Recebemos o BOLETIM N.º 1 referente à VIII Concentração de Mocidades Espíritas do Vale do Rio

Grande, no Estado de São Paulo, a realizar-se na cidade de São José do Rio Preto, neste mês de Julho, devendo a mesma contar com a possível participação das seguintes cidades: Barretos, Bebedouro, Jaboticabal, Olímpia, Nova Granada, Novo Horizonte, Catanduva e São José do Rio Preto.

Referido movimento está sendo dirigido pela Mocidade Espírita de São José do Rio Preto, com sede à Rua Floriano Peixoto, 975, telefone 17-75, a qual, solicita, aos que desejarem comparecer à referida Concentração, avisar o número de seus representantes, afim de serem encetados, com antecedência, os trabalhos de recepção.

São os seguintes os temas a serem abordados e seus respectivos responsáveis:

São José do Rio Preto — *O Espiritismo como Religião*; Olímpia — *O Perispirito em seus aspectos Científico e Filosófico*; Barretos — *O Espiritismo face à Criança*; Bebedouro — *Comentário das Passagens Evangélicas que comprovam a Reencarnação*; Jaboticabal — *Espiritismo e Cristianismo*; Nova Granada — *Necessidade e Justiça da Reencarnação*; Novo Horizonte — *Livre arbítrio e Determinismo*; Catanduva — *Fora da Caridade não há Salvação*.

Em próximo Boletim, será publicado o programa e a data precisa de referido conclave.

A Comissão encarregada dessa Concentração insiste para que as cidades participantes mantenham com ela assídua correspondência acerca do programa e roteiro de referida Concentração.

Excursão de Propaganda

O nosso esforçado confrade Newton Boechat, iniciou, no dia 24 de Junho p. p., uma excursão de propaganda, cujo roteiro abrangerá as seguintes cidades: Dia 24 de Junho, Juiz de Fora (M. G.), palestra que já foi proferida.

Dia 16 de julho, em Pínhel (R. J.); dia 22, Bicas (M. G.), Semana Espírita; dia 23, Federação Espírita Brasileira, Domingueira (16 horas); dia 29, Petrópolis (R. J.).

De Belo Horizonte

Recebemos convite para assistirmos o 3.º ciclo de palestras promovido pelo «Departamento de Divulgação Evangélica», da Aliança Municipal Espírita de Belo Horizonte.

Este mês, a Campanha de Intercâmbio e Congratamento das Entidades Espíritas, de Belo Horizonte, estará presente no «Centro Espírita Caridade e Pobreza», à rua Jaguari, 335, Bonfim, do qual é Presidente o confrade Paulino Izidoro Santos, nos dias 15, 16, e 17, às 20 horas, obedecendo ao seguinte programa:

Dia 15 — «Não se pode servir a dois Senhores», a cargo do irmão Elizeu Vilela Xavier;

Dia 16 — «Zaqueu, o Publicano», pelo confrade Honório Onofre de Abreu;

Dia 17 — «Da necessidade do Evangelho em nossa vida», pela irmã d. Maria F. Aluoto Berutto.

— Gratos pelo atencioso convite que nos foi endegado.

Nosso representante em viagem

DANTE FERIOLI

A serviço de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», está percorrendo as cidades da Paulista, o nosso viajante-representante sr. Dante Ferioli. A seguir, entrará êle na zona Sorocabana, de Assis a Porto Epitácio.

Aos confrades residentes nas localidades compreendidas nessas zonas, solicitamos dispensar boa acolhida a êste nosso representante, facilitando assim o seu árduo trabalho pelo que, fraternalmente, agradecemos a todos.

Noticias de Uberlândia -- (MG)

Foi eleita em abril último e empossada em 1.º de maio, a diretoria da Mocidade Espírita «Allan Kardec» de Uberlândia, a qual ficou assim constituída:

Presidente, acadêmico Argemiro Evangelista Ferreira; vice, Vandir da Silva Ferreira; 1.º secr. Maurício Jacinto da Silva; 2.º, Ivone de Almeida; 1.º tes., Aurea de Paula; 2.º, Tereza Izabel dos Santos; 1.ª bibl.ª Elizabeth Bárbara Martins; 2.ª, Sirlene Lima.

As comissões técnicas serão escolhidas oportunamente.

É digno de registro o intenso trabalho que presentemente, vêm desenvolvendo os espíritas da Cidade-Jardim, em prol da propaganda da Doutrina. Ultimamente foi criada a Aliança Municipal Espírita de Uberlândia, a qual congre-

ga perto de dez centros espíritas, de Uberlândia e de cidades da região.

Esboça-se atualmente, no Triângulo Mineiro, um amplo movimento de unificação da Doutrina, achando-se já organizadas várias Alianças como as de: Uberlândia e Uberaba, estando em fase de organização as de: Araxá, Tupaciguara, Ituiutaba e Araguari.

A exemplo de outras cidades, será realizada em Uberlândia, de 9 a 16 de julho, a «I Semana do Livro Espírita da Cidade-Jardim», sendo promotora a Mocidade Espírita «Allan Kardec» a qual conta com a cooperação das demais

Mocidades Espíritas da cidade. Funcionam atualmente em Uberlândia, 6 Mocidades Espíritas.

Passamento

Domingos Ribeiro da Silva

Segundo comunicado que recebemos da Diretoria do Centro Espírita Ismael, de Três Fronteiras, desencarnou no dia 1.º de Junho p.p., êste nosso confrade, deixando esposa e dois filhos.

Domingos Ribeiro da Silva foi, em toda a extensão da palavra, um batalhador incansável da Seara Espírita. Iniciou as suas ativi-

des espíritas em Vila Parisi, onde militou por longos anos, dedicando o melhor dos seus esforços em prol do engrandecimento da Doutrina. De Vila Parisi passou para as fileiras espíritas de Santa Fé do Sul, onde trabalhou intensamente, ajudando, inclusive, a construção do prédio do Centro dessa cidade. Transferindo-se, tempos depois, para Três Fronteiras, ali não parou o seu denodado esforço de verdadeiro apóstolo, contribuindo também para a construção do Centro Espírita Ismael.

— Ao espírito do estimado confrade, desejamos paz e luz, no plano espiritual.

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião realizada em
6 de maio de 1961

À hora regimental, faz o Presidente do Conselho a prece inicial e declara abertos os trabalhos.

Respondendo a uma consulta, o Conselho declara não ser aconselhável a realização de sessões prático-mediúnicas em penitenciárias.

SANTA CATARINA — O Conselheiro Manoel Bernardino lê carta do Presidente da Federação Catarinense relatando as atividades desta nos serviços de propaganda e assistência aos necessitados e, muito especialmente, o desenvolvimento cada vez maior da Mocidade Espírita Catarinense.

AMAZONAS—O Conselheiro Luiz Montorfano noticia o crescimento pro-

missor do movimento espírita no Amazonas, conforme carta da Federação Amazonense que dá notícia do êxito da feira de livros espíritas e do programa radiofônico pela *Rádío Baré*.

RIO DE JANEIRO — O representante da Federação Espírita do Rio de Janeiro, Conselheiro Walter Mascarenhas, relata o grande progresso de pregação da Doutrina em todo o Estado do Rio, encarecendo o serviço da mocidade nas Semanas Espíritas e Concentrações.

CEARÁ — O Conselheiro Henrique Magalhães noticia grande movimento na Federação Cearense em todos os setores, notadamente entre os moços espíritas, cujo trabalho se intensifica continuamente.

Às dezesseis horas, após comentários referentes a vários assuntos, notadamente sobre o serviço de Unificação, é feita pelo representante do Pará a prece final e encerrada a reunião.

× ×

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliás, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obtê-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr.\$ 230,00.

O DIABO E A IGREJA em face do Cristianismo

Recomendamos a leitura deste livro — «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : Cr.\$ 40,00

Conferências Radiofônicas

Já saiu do prelo e está à venda, nova edição desta apreciada obra, que enfeixa 15 Conferências Néó-Espiritualistas, proferidas por Cairbar Schutel, pelo microfône da Rádio Cultura de Araraquara — P. R. D. 4, no ano de 1937.

Apesar de terem sido pronunciadas há 24 anos, os temas de referidas conferências enfeixadas nesta obra são sempre oportunos. E', pois, um livro indispensável a todos que desejam compreender e bem interpretar os assuntos evangélicos.

Esta nova edição foi revista cuidadosamente, está impressa em tipo maior o que torna mais fácil e agradável a sua leitura.

Preço : Encadernada cr.\$ 170,00 ; Brochura cr.\$ 120,00

**Atendemos pedidos
sob Reembolso Postal**

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalipse», — Cairbar Schutel.

À venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr.\$ 200,00.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.^a edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

À venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. \$ 30,00.

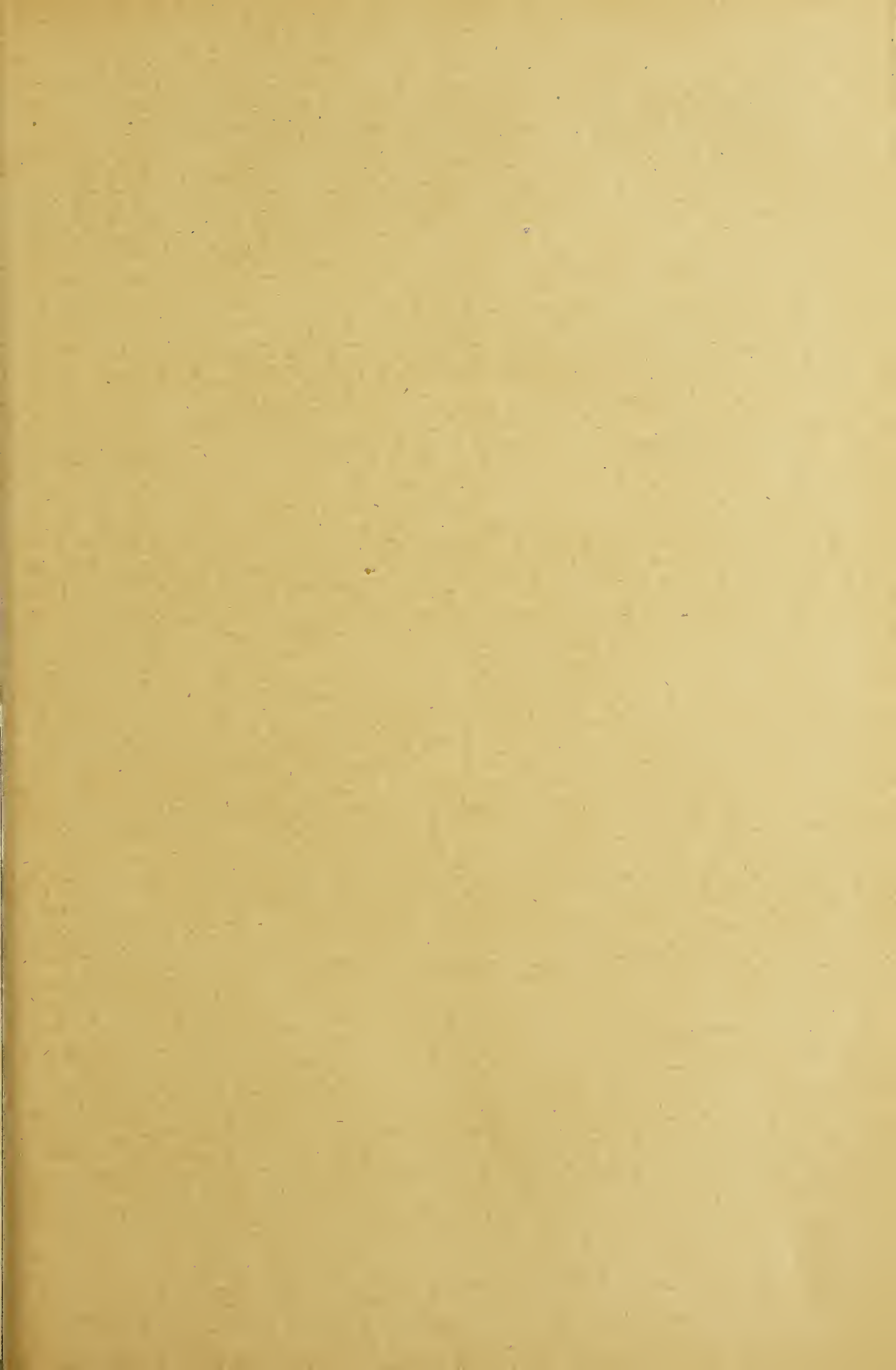
Histeria e Fenômenos Psíquicos

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», que acaba de ser reeditada, devido a sua grande aceitação pelo assunto que encerra, é mais uma produção do saudoso Cairbar Schutel.

Esta nova edição, que é a 4.^a, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

À venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr\$ 35,00.

**Atendemos pedidos
sob Reembolso Postal**



✱

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.\$150,00

Semestre — „ „ 80,00

NÚMERO AVULSO CR.\$ 15,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :-: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA BATUIRA

Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO

✱

